

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Acesso

Jornal
04.2025
Matéria
Obra Marina Rheingantz
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/04/bienal-do-mercosul-sai-em-busca-de-um-novo-amanha-em-mundo-de-tragedias.shtml>

Veículo
Seção
Autor

Folha de S. Paulo
Ilustrada
Silas Martí

88 QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2025
ilustrada

FOLHA DE SAULO ***

Bienal do Mercosul busca, num mundo rasgado por tragédias, um novo amanhã

Mostra que está entre as mais relevantes da América Latina enche de corpos mutantes, nascidos dos escombros, uma Porto Alegre ainda em reconstrução depois das enchentes



Fotografia de Lorenzo Beust, na Bienal do Mercosul

Silas Martí

PORTO ALEGRE O primeiro arcaico acedra, correndo todo o círculo em frente as letras que formam ali as palavras "passa tempo", ou o "passatempo", no lugar dos números. O duplo sentido na obra de Rochelle Costi, artista que morreu atropelada em São Paulo três anos atrás, ganha ares mais perversos numa cidade que também se viu mergulhada em tragédia em questão de instantes. Esse relógio às avessas instala do na fachada do Museu do Trabalho, em Porto Alegre, lugar que ficou debaixo d'água nas enchentes do ano passado. Ilustra bem a ideia que reger esta Bienal do Mercosul, recém-aberta na capital gaúcha depois de quase um ano de atraso por causa das chuvas que mataram dezenas de pessoas e destruíram boa parte da cidade —entre as vítimas, também os nervos de alguns de seus museus. O clima, num calor tórrido em pleno outono, é de reconstrução, a luta contra um ambiente hostil causado em grande parte por nos-

so excessos. Na visão de Raphael Fonseca, que comanda a curadoria de uma das mostras mais tradicionais do calendário latino-americano, estamos à beira do abismo, em ponto de ebulição. "Estamos não por acaso, é o nome da exposição. Tudo está por um triz e pode vir abaixo num instante de desdém, na velocidade de uma falca. É bem elástica a metáfora, a ideia tanto de colapso repentino quanto de ponto de virada para uma reinvenção. E os trabalhos, eletrizados por uma fome de dança, parecem atropelados por ideias que correm trilhos em paralelo, a busca por uma identidade forjada num mundo em chamas, a reação à catástrofe, um retorno à essência da imagem hoje rapada pelo jagado de espelhos e as ilusões da era da inteligência artificial. No fundo, estamos diante de sonhos que são também pesadelos. Espalhados por cerca de 20 espaços, os quase 80 artistas da mostra, em grande maioria do chamado sul global, dizem isso com um frescor assustador, distantes da cartilha panfletá-

ria que varre o mundo "artey" e seus delírios "wole" e mais íntimos de uma poética própria colocada na metáfora de corpos dissimulados, vítimas e ao mesmo tempo agentes de transformação num local apocalíptico. Ze Carlos Garcia, numa série de esculturas no ar do da Fundação Theri Camargo, mostra braços, mãos e rostos que surgem de troncos e galhos secos, mutantes nascidos de escombros. Eles gritam diante de uma tela do artista que dá nome ao museu, monumental autor do desgosto, a tragédia encarnada em tinta, como fantasmas que vigiam sem filé, idéias que são todos eles. Os desenhos de crânios do mesmo Theri Camargo, friso estudos anatômicos, são os testemunhos desse "big bang" talhado em madeira, mais ossos do que carne. No outro lado do espectro, Maya Wisshof controla órgãos carnosos com suas pinturas, em contornos de corpos que parecem se regenerar no calor do sexo, a fricção da pele com a pele. São estados de tensão que transbor-

O clima, num calor tórrido em pleno outono, é de reconstrução, a luta contra um ambiente hostil provocado em grande parte por nossos excessos. Na visão de Raphael Fonseca, que comanda esta edição de uma das mostras mais tradicionais do calendário, estamos à beira do abismo, em ponto de ebulição. "Estamos não por acaso, é o nome da exposição. Tudo está por um triz e pode vir abaixo num instante de desdém, na velocidade de um relâmpago

dam das telas em grande escala e rocam as esculturas de Darks Miranda na sala ao lado, vulcões cheios de olhos e dedos, monstros marinhos que conversam com a fauna terrestre fantástica da paraguaiá Julia Sidice, autora de um bestiário de aranha que vem conquistando a cena mundial. Não, e eles, homens reais e criaturas híbridas, pisamos a mesma terra nessa mostra, um mundo em dissolução que se reinventa interior, de um solitário grilo de arca, como no cenário de terra varre em que o chão parece respirar, obra do indiano Anel Paril, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, as formas mais grotescas com requintes de "body horror". Num filme no Farol Santander, Vitória Cribb mostra a transformação de uma mulher em lagarto e vice-versa, uma animação hiper-realista, em que pele, escamas, olhos esbugalhados e dentes afiados habilitam o monstro ao banho aséptico de uma casa minimalista —novas espécies de um admirável mundo novo.

Continua na pág. 89

FOLHA DE SAULO ***

QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2025 89
ilustrada

Continuação da pág. 88

São híbridos também os humanoides da mexicana Berenice Olmedo, manequins translúcidos de resina com de rosas que se equilibram sobre pernas pedregosas de aço inoxidável, corpos que são também máquinas assustadoras. Inventor de outra máquina, o sul-coreano Yunchul Kim transforma pedras em luz. Sua instalação são controladas com total rigor, uma visão fluida, metálica dos materiais que sustentam o chão debaixo de nossos pés.

Esse é um chão, aliás, cada vez mais abstrato e estéril. As enormes pinturas de Marina Riben gianti mostradas ao lado das máquinas de Kim são paisagens esovizadas, grandes descampados de tons mais rebalsados marcados por lampejos isolados de cor, como se fossem fagulhas de brasa dormida. Todos se foram desse terreno abandonado. As imagens da artista são tanto terra quanto céu, ou mar invertido, a planti cema onde nada sobrevive, um palco sem luzes ou acores.

Essa ideia de um lugar devastado de espetáculo sem estrelas num mundo que parece ter expurgado todos eles, marca quase todos os trabalhos na Usina do Gasômetro, outro espaço cultural reativado da destruição em Porto Alegre. É ali que a americana Nikita Gale constrói as ruínas de um palácio, suas estruturas metálicas tortas e empilhadas no chão iluminadas por refletores fora de ebita, jogados pelos curtos, ao som de "Private Dancer", a canção celebra a voz de Tina Turner.

Mas não há dançarinos ali, da mesma forma que os atores saem de cena nas fotografias do americano Paul Mpaog Sepuya. Nas suas obras, o artista inverte a lógica do retrato. Vemos mais o aparato técnico, os refletores, os tripés, os flâmulos infinitos do que os personagens da cena, sempre homens mas que parecem fugir do enquadramento, corpos que repletam a invasão da lente, o olhar do voyeur.

Também está deserto o ambiente decorado construído por Marcus Deundledi, que vive do acesso a ideia de máquina de montar do modernismo de Le Corbusier para inventar uma verdadeira máquina de matar. A porta é uma guilhotina, a espreguiçadeira é uma cama de facões, o espelho despensa e se estiliza sobre quem tenta ver seu reflexo. O artista leva ao interior burguês, numa sátira às modas que povoam casas de colecionadores de arte, aquilo presente no mobiliário urbano de todas as cidades modernas, a arquitetura hostil contra os despossuídos. E o que ele chama de "Duvidado Mito Trip Equivocado Foco Interiores", um lar para ninguém alceado em todos os raios que atravessam nosso cotidiano movida a estalos.

O jornalista visita a curadoria da Bienal do Mercosul
QUINTA-FEIRA 17 de junho, ONDE Porto Alegre em vários endereços. Mais informações em bienalmercosul.art.br



Inconsciente, pintura de Marina Riben gianti, na Bienal do Mercosul